
The Discourse of Samora Machel

O povo aceita o convite de Smith: o inimigo pode imitar tudo
menos a vida do povo

Tempo [Maputo], no.302, 18 de Julho de 1976, p.43-47. [veja
Amélia Souto and António Sopa, *Samora Machel: bibliografia,
1970-1986* (Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1996), item
no.281, pág.73]

This text was first published in Tempo no.301 on 11 July, but the copy editing was apparently not up to standard — lots of gralhas, text incomplete, etc. — so this version was put out. It would be interesting to know more about this situation, which also occurred at least once with a speech published in Notícias. The text deals with Rhodesian aggression against Mozambique after independence.

Dr. Colin Darch
72 Milner Road
Rondebosch 7700
Tel.686-3691

T (302) 18/7/76

O POVO ACEITA O CONVITE DE SMITH:

- O inimigo pode imitar tudo

menos a vida do Povo

Conforme havíamos anunciado numa nota da primeira página da nossa edição anterior, o discurso proferido pelo camarada Presidente Samora na praça dos Heróis de Moçambique não foi publicado na íntegra.

O discurso então publicado continha uma série de erros, palavras trocadas, não continha bastante passagens de importância, bem como incluía algumas palavras de ordem totalmente contrárias aquilo que o camarada Presidente havia dito.

Publicamos a seguir o referido discurso na íntegra.

Escutamos com muita atenção a intervenção de muitas mensagens aqui, mensagens dirigidas à FRELIMO e à República Popular de Moçambique, mensagens que vêm do Povo livre do Rovuma ao Maputo, mensagens que indicam a indignação, indicam a situação intolerável, situação de inquietação, de insegurança que é semeada pelo irresponsável.

Assistimos aqui também... carne frita, carne humana frita, carne que foi posta nas frigideiras, frigideiras do Senhor Ian Smith.

As duas questões

E, hoje, o Povo exige que a República Popular de Moçambique ponha termo a essa situação. Nós diremos: viemos para duas questões essenciais: a primeira

questão é o convite que fez Ian Smith várias vezes e que nunca tínhamos aceite. Dirigiu vários convites para assistirmos ao banquete em Salisbúria, para assistirmos à divisão do bolo, para comermos o peru do Natal em Salisbúria. Viemos aqui para respondermos se aceitamos ou não aceitamos o convite do Ian Smith.

Ele já fez o convite várias vezes e não aceitamos... então ele mata — «porque é que não aceitamos o meu convite?». É um banquete, um banquete internacional que convida aqueles que já são livres. Abriu a estrada através da qual podemos marchar, indicou porque lado se pode ir para Salisbúria — via terrestre pode-se ir a Salisbúria.

Agora está surpreendido porque é que não vamos lá. Tem fatos para distribuir, tem sapatos para calçarmos, tem tabaco

para fumarmos... ele é plantador, tem leite porque é criador de gado também, mas também tem cães lá, que só comem carne humana.

Não sabemos se convida-nos para o leite, se é para irmos fumar o tabaco, ou é para irmos ser comidos pelos cães para alimentarmos os cães. Esta é a primeira questão.

A segunda: os médicos parece que já diagnosticaram que se trata de um maluco. É maluco que não melhora com os choques eléctricos. Outros tipos de tratamentos que dão, não aceita. Os Ingleses quiseram tratá-lo, ele recusou. Quem tratar, ainda têm hospital de manicomio na Inglaterra, convidam para ele lá ser tratado... o tratamento está em Moçambique. — do Ian Smith, do bicho. **O TRATAMENTO MELHOR ESTÁ EM MOÇAMBIQUE:**

Portanto, segunda situação, segundo ponto é para descobrirmos o tratamento do nosso maluco. Já destruiu carros em Moçambique, já queimou casas aqui em Moçambique, incendiou casas, atravessou a fronteira muitas vezes... O arame farpado que ele pôs, que era para não saltar porque é maluco. Nós não pusemos arame farpado. Quem pôs, porque sabiam que têm malucos lá, foram os próprios rodesianos. Pusaram arame farpado em toda a fronteira, mas o Ian Smith saltou, veio para cá para queimar a floresta, e ultimamente porque estava mais protegido, porque a comunidade internacional condena o Ian Smith, todos os países do mundo, todos os países do mundo sem excepção nenhuma, todos aqueles países

que compõem a Organização das Nações Unidas condenam o regime do Ian Smith. Já declararam que o Ian Smith é maluco.

A nossa Solidariedade

Há precisamente cinco meses que nós criamos o Banco de Solidariedade aqui em Moçambique, aqui na praça dos Heróis — 3 de Fevereiro. Dissemos que o Banco de Solidariedade destina-se à solidariedade Nacional em primeiro, em segundo lugar à solidariedade internacional. A solidariedade nacional destina-se para as calamidades naturais, por exemplo as cheias, por exemplo secas, por exemplo guerras e outros, outros.

Já tivemos cheias aqui no nosso país este ano precisamente. E, há a Reconstrução Nacional primeiramente para as zonas de guerra, antigas zonas de guerra que foram o suporte da nossa luta, onde temos inválidos, vemos orfãos, temos cegos, membros amputados, mulheres que perderam maridos, homens que perderam os seus filhos, perderam suas mulheres. E hoje também temos Mapai, Chicualacuala.

Smith depois da condenação, depois da condenação unânime por todos os países, a comunidade internacional pronunciou-se pelo Governo da maioria no Zimbabwe, a transferência rápida dos poderes que detêm o Ian Smith no Zimbabwe para a maioria.

E, hoje completamos precisamente quatro meses que encerramos a fronteira com o Ian Smith. Ian Smith disse, «eu sou maluco.» Ele declarou-se maluco, é maluco sabem, felizmente sabe também.

Atravessou, veio para Moçambique, queimou as casas, matou gente. A nossa solidariedade agora, a solidariedade nacional terá que ir directamente, primeiramente para as populações vítimas. Em segundo lugar temos a solidariedade internacional: apoiamos as lutas justas, a luta justa dos povos oprimidos, e apoiamos também Luta contra o Colonialismo, Luta contra o Racismo, Luta contra o Imperialismo.

E aqui os camaradas exigem hoje, não somente solidariedade de palavras, exigem que a solidariedade se deve materializar. Primeiro vamos definir o conteúdo, o conteúdo desta manifestação para podermos situar para podermos distribuir as tarefas corretamente. Quando ouvimos que há manifestação, analisar no primeiro o significado, o conteúdo da manifestação: encontramos que esta manifestação em



primeiro lugar é expressão da revolta popular contra os crimes infames praticados pelo inimigo.

Em segundo lugar encontramos que esta manifestação é a expressão da solidariedade pelas vítimas do massacre cometidos pelo inimigo — Ian Smith.

Em terceiro lugar é a declaração pelo nosso povo que o Smith contraiu uma dívida de sangue para com Moçambique. É uma dívida que deve ser paga. O Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo exige que seja paga a dívida.

Em quarto lugar é a afirmação de que o nosso Povo está convicto de que só Zimbabwe livre garantirá a consolidação da nossa Independência e nos garantirá pacificamente edificar o nosso país.

Em quinto lugar é a afirmação inequívoca de que o nosso povo está determinado a suportar todas as dificuldades, a consentir todos os sacrifícios para cumprir o seu dever internacionalista para com a luta do povo de Zimbabwe. O que é que originou, o que é que provocou esta manifestação?

Somos atacados desde 1965

A continuação dos crimes, a continuação dos crimes que o inimigo comete contra o nosso povo, particularmente os crimes recentes contra a região de Chicualacuala e Mapai. Para podermos compreender, talvez uma pequena recapitulação para podermos compreender... porque muitos situariam os ataques, as agressões do Ian Smith contra o nosso

povo por nós apoiarmos a justa luta do Povo de Zimbabwe e nós gostaríamos que fizéssemos uma pequena recapitulação da história desde quando Ian Smith ataca o Povo moçambicano, desde quando Ian Smith chacina, desde quando Ian Smith faz do nosso território campo de treino, campo de assassinios.

O Ian Smith começou a atacar o nosso povo desde que o Povo moçambicano se ergueu contra o colonialismo português, desde que o povo moçambicano pegou em armas e lutou contra o colonialismo português em Moçambique. Desde 1965 quando ele proclamou a sua Independência na Rodésia contra a vontade da comunidade internacional. E, a partir desse ano o Ian Smith enviou as suas tropas para a província de Niassa, para a província de Cabo Delgado. Todos nós sabemos perfeitamente que essas duas províncias não fazem fronteira com a Rodésia. E sabemos perfeitamente que em 1965 o Povo de Zimbabwe ainda não estava em Luta Armada. Por isso fique bem claro para toda a Comunidade Internacional que o Ian Smith ataca Moçambique, não é porque Moçambique apoia a luta do Zimbabwe, ataca Moçambique porque Ian Smith é inimigo da independência, é inimigo da liberdade, é irresponsável. Ian Smith já está habituado a matar, é hábito matar, a massacrar, pegar nas pessoas e alimentar os cães. Em 1962, quando nós criamos a FRELIMO, quando fundámos a FRELIMO, Ian Smith já tinha contradições com o povo do Zimbabwe. Fique bem claro. Ian Smith tem contradições com o povo do Zimbabwe antes da fundação da FRELIMO, antes do povo moçambicano se pronunciar pelo apoio da justa luta do povo do Zimbabwe.

Ian Smith, portanto fiquem bem certos todos, (se alguém no mundo tinha dúvidas, fique claro) que o Ian Smith ataca o povo de Moçambique desde 1965. Desde 1965 que banqueteia com o colonialismo português nos massacres em Moçambique. Isto é uma continuação.

Ultimamente, porque é que ataca de uma maneira violenta, de maneira sistemática, de maneira indiscriminada? A resposta já foi dada aqui.

É um cão com raiva. O cão atacado de raiva, o seu destino é só matar, não tem cura. Não sei se os médicos veterinários sabem curar, não sei. Mas para se tratar de um cão que tem raiva, é matar o cão. Esse é que é o tratamento.

Portanto, se nós queremos tratar de Ian Smith, temos que matar o Smith, temos que matar o Smith. Se nós queremos viver bem com a Rodésia, temos que matar Ian Smith. Há várias maneiras de matar. Estaremos a ajudar a Comunidade Internacional. Estaremos a dar a nossa contribuição à Humanidade inteira. Portanto, sejamos bem claros que a contradição é entre o regime racista e a povo do Zimbábwe.

Não é a contradição entre o povo do Zimbábwe e o resto do mundo. Não é a contradição do Povo de Zimbábwe com o Povo de Moçambique. A luta contra o regime de Ian Smith começou antes da proclamação da independência de Moçambique. A condenação do regime minoritário, racista, ilegal, foi feita essa condenação muito antes da proclamação da independência de Moçambique.

Portanto Ian Smith a quem está a atacar?

Ian Smith primeiro está a atacar o povo do Zimbábwe. Está a atacar todos aqueles que formam o anel em volta do Zimbábwe. Diríamos Zâmbia, Moçambi-

que, Botswana e outros. E ataca então a Comunidade Internacional. Qual é o nosso dever? A nossa tarefa no momento presente, aqui parece que já disseram muitos camaradas. Já disseram qual deve ser a nossa tarefa.

Muitas intervenções já diagnosticaram Ian Smith como louco. Já diagnosticaram Ian Smith como um cão com raiva. Ora duas coisas misturadas é para nos confundir o tratamento. A loucura e a raiva ao mesmo tempo: a qual deveremos dar prioridade no tratamento? Começamos pela loucura, ou começamos pela raiva? Tudo ao mesmo tempo?!

(Povo responde que sim.)

Preparemo-nos

Primeiro vamos reforçar a nossa capacidade. O que é que significa reforçar a nossa capacidade? Primeiro vamos definir a quem devemos defender.

A quem?

Quem deve defender o outro? Diríamos nós a nossa experiência de luta, a nossa experiência de 10 anos. Primeiro, Ian Smith escolheu o nosso povo como alvo principal, o inimigo número um do Ian Smith é o povo moçambicano, é o povo inteiro. Portanto, é o povo que se deve defender em primeiro lugar.

Portanto, reforçar a nossa capacidade significa: elevar a nossa capacidade de defesa. Primeiro vamos falar das Forças Populares de Libertação de Moçambique. As F.P.L.M. nas províncias de Tete, Manica Sofala, Gaza e Maputo, devem estreitar as relações com o povo para combinar as armas modernas com as armas tradicionais.



«Aceitemos morrer ao lado do povo de Zimbábwe pela dignidade africana, pela Revolução mundial, pelo respeito ao homem como ser».



«Apelamos às Forças Populares de Libertação de Moçambique para que se prontifiquem desde já para avançar para o Zimbábwe».

Durante a guerra nós matávamos o inimigo com flechas com armadilhas. Aquelas armadilhas que apanham coelhos e apanham gazelas, servem também para matar o inimigo. Durante a luta, quando o colonialismo português desencadeou ofensivas contra a população, quando desencadeou ofensiva sistemática contra a população, nós demos uma palavra de ordem «mergulhar o elefante no rio» vai perder o peso. E nesta altura temos que puxar Ian Smith para o nosso povo organizado, o nosso povo armado.

O que é que devem fazer as Forças Populares? Primeiro, treinar formar brigadas de milícias no seio da população. Mas para isso é necessário acelerar o processo. Primeiro nas zonas urbanas, nas aldeias comunais, nas vilas onde o povo já vive bem organizado. Acelerar a criação das aldeias comunais para que possam criar as milícias, para que a defesa seja eficaz.

Ian Smith não está a atacar a população da fronteira, está a atacar a população inteira de Moçambique. E para isso é necessário, como aqui foi dito, seleccionarmos através das estruturas da FRELIMO elementos para serem treinados e armados. Nós temos armas suficientes. Se foram capazes de derrubar o colonialismo quanto mais o vagabundo Ian Smith.

O nosso povo tem experiência de luta, luta secular desde métodos primitivos, desde métodos tradicionais até aos mais modernos que são as FPLM. O Ministério da Defesa Nacional tem capacidade de equipar neste momento mais de cento e cinquenta mil homens para enfrentar o nosso inimigo Ian Smith. Nós temos que mudar o campo de batalha. Quer transferir a guerra para Moçambique e nós devemos recusar. Nós devemos recusar. A nossa tarefa é manter a luta no Zimbabwe. O Smith quer alastrar o conflito armado, quer generalizar o conflito armado para outros países. Nós devemos recusar. A nossa tarefa é manter a luta no Zimbabwe. Nós queremos hoje dizer que aceitamos o convite de Ian Smith. Aceitamos o convite hoje ao Ian Smith, queremos dizer que este convite está feito à Juventude. A Juventude aceita também, não aceita? (Aceitamos). Vimos crianças que receberam convites do Ian Smith, vimos crianças do sexo masculino, vimos crianças do sexo feminino que receberam o convite do Ian Smith. Têm já no seu corpo o convite colado. Temos o convite para as Forças Populares de Libertação de Moçambique está selado no corpo e nas pernas das Forças Populares para irem banquetear com o sr. Ian Smith. Encontrámos em Mapai e Chicualacuala mulheres e homens que receberam também o convite de Ian Smith.

E porque se recusaram a ir banquetear com Ian Smith. O Ian Smith matou mulheres e homens, matou crianças e velhos, matou a juventude, por isso dizemos hoje a Ian Smith que aceitamos o convite, prepara-se para nos receber.

Esta tarefa exige vigilância para poderemos apontar correctamente as nossas armas, para podermos distinguir correctamente o nosso inimigo. E o nosso inimigo no Zimbabwe é o Ian Smith.

Ian Smith quer confundir o alvo, quer fazer da luta do Zimbabwe uma luta racial, e nós não confundimos o inimigo com a raça, sabemos quem é o nosso inimigo no Zimbabwe. São aqueles que formam o aparelho colonial. São aqueles que formam o aparelho de opressão; são aqueles que formam o aparelho da pilhagem; são aqueles que formam o aparelho policial.

Estes constituem alvo, estes são apontados sempre os nossos canos contra eles. Por isso, primeiro como vigilância devemos nos conhecer.

Conhecemo-nos no nosso seio, fazemos pequenas operações, pequenas purificações no nosso seio. O Ian Smith utilizou o nosso Hino Nacional. O Ian Smith para atacar Chicualacuala e utilizou armas como as das Forças Populares de Libertação de Moçambique.



«Oferecemos à Aldeia Internacionalista a construir em Mapai 4 mil contos do Banco de Solidariedade».

E queremos dizer que os portugueses colonialistas o fizeram também. Durante a guerra fardaram os seus agentes fiéis GE e OPV, Flechas, grupos especiais, que foram infiltrados constantemente, sistematicamente, no seio da população, para descobrirem os sentimentos, para descobrirem a militância do nosso povo. E nós dizemos que não é a farda, não são as armas que nos identificam com o inimigo. O comportamento.

O inimigo pode imitar tudo menos a nossa vida, menos o comportamento. O inimigo pode imitar tudo mas não pode identificar-se com o povo. O inimigo está sempre contra os interesses do povo. E, no nosso caso, o inimigo está contra o poder do povo, o poder popular. Um dia que o inimigo se identifique com o povo, a luta de classes perderá o seu sentido.

Já não haverá exploração, já não haverá opressão, então perderá a sua natureza de inimigo. Por isso é preciso vigilância no nosso seio.

Alguns agentes fiéis foram entregar-se ao Ian Smith e são eles que conduziram o Ian Smith. Aqueles boçais, aqueles criminosos que tentaram criar distúrbios em 7 de Setembro em Maputo, em Lourenço Marques. Por isso pedimos maior vigilância, vigilância aguda, vigilância revolucionária e essa vigilância só pode ser alcançada através de discussão profunda no seio das populações, discussão política, elevação constante do nível ideológico, elevando o nível ideológico, os debates sobre a nossa situação, sobre o nosso futuro.

NÃO SE PODE GANHAR A GUERRA SEPARADOS DA PRODUÇÃO

Assim a nossa vigilância começará do Rovuma ao Maputo; começará de Tete ao Oceano Índico, e o Smith não conseguirá identificar-se com o nosso povo. A nossa luta permanecerá sempre. A luta do oprimido contra o opressor.

A população, como fazia no tempo da guerra colonial, deve exercer vigilância, deve perguntar, deve exigir a qualquer ele-

mento estranho. Só assim é que as Forças Populares de Libertação de Moçambique identificar-se-ão com a população, e a população serão as Forças Populares de Libertação de Moçambique.

A segunda tarefa será a produção. A guerra é inseparável da produção. A produção é inseparável da guerra.

Não se pode ganhar a guerra separada da produção. A guerra defende a produção e a produção alimenta a guerra. Por isso, aqueles que constituirão a retaguarda, que não poderão avançar, que não poderão ir jantar com o sr. Ian Smith, não podemos ir todos, não é? Vamos dividir tarefas. Uns receber o jantar, quando há festa não vão todos, há cozinheiros, há os da Produção, é ou não é? É. O Smith convidou-nos a todos? Grupos Dinamizadores devem formar, formar grupos de mobilização, grupos de organização, grupos de mobilização, grupos de estudo para poder produzir, estudar para poder produzir. Produzir não é só produzir os cereais, é também produzir o efectivo. O efectivo do Exército é o produto da mobilização e da organização. E o elemento das Forças Populares de Libertação de Moçambique é o produto, é o resultado, é a elevação mais alta da consciência, que se atinge quando se leva a farda da FRELIMO, porque já conhece quem é o inimigo.

Produzir na escola, produzir nas fábricas, produzir na Universidade, produzir na escola secundária, produzir nas plantações, produzir em toda a parte. E para produzir melhor é preciso que os grupos dinamizadores exerçam, elevem o nível de disciplina, de respeito e de pontualidade. São três condições fundamentais para podermos triunfar nesta guerra.

A preguiça, a indisciplina, a falta de pontualidade, falta de pontualidade, sobretudo a falta de pontualidade, é o resultado da falta de consciência política. E esses três actos: a indisciplina, a preguiça, a falta de pontualidade, sabotam o nosso trabalho, sabotam a produtividade do nosso país. A preguiça, a indisciplina, a falta de pontualidade, a falta de

respeito pelas estruturas, esses elementos que constituem alianças incondicionais do nosso inimigo. Portanto perguntamos quais são os aliados incondicionais do inimigo. Quem os aliados verdadeiros do nosso inimigo. É a indisciplina, falta de pontualidade, a preguiça, ausência total de consciência, aliados incondicionais do inimigo.

No dia da independência fizemos um apelo a todo o País, para que cada cidadão nas estruturas da sua povoação, do seu bairro, da sua empresa, da sua escola, da sua fábrica, no seu hospital, colaborando com outros, organizado com outros, dissemos que deviam plantar árvores frutíferas. Esse é um acto de disciplina e de consciência. Só assim é que nos conheceremos uns aos outros através do comportamento, através da consciência política. Só assim poderemos ganhar a guerra. Há dois elementos fundamentais para ganhar a guerra: a Unidade e a disciplina. A Unidade como força motriz. A disciplina como elemento da vigilância.

Para terminarmos parece, para terminarmos, não vamos perder o nosso tempo. Ian Smith já matou. É ou não é?

Ian Smith já queimou casas; veio destruir lojas; veio roubar carros; veio roubar dinheiro. O que é que vamos fazer?

Nós queremos fazer um apelo em nome da FRELIMO, da República Popular de Moçambique para que o nosso povo não volte a ser escravo; para que o nosso povo não volte a ser oprimido, para que o nosso povo não volte a ser colonizado, para que o nosso povo não volte a ser humilhado, discriminado, explorado, espezinhado. Diremos homens, mulheres, crianças, operários, velhos, camponeses, trabalhadores das plantações e das fábricas, de novo a FRELIMO faz um apelo solene para consolidação da nossa independência, para darmos a nossa contribuição ao povo do Zimbabwe, para permitir a consolidação da nossa pátria, para pertencermos livremente à Comunidade Mundial, para pertencermos aos homens livres, é necessário que marchemos para o Zimbabwe, é necessário que esmaguemos firmemente o nosso inimigo.

Não podemos aceitar mais escravatura, recusamos a escravatura do colonialismo português, muito menos do tabaqueiro, muito menos dum maluco.

Estamos certos de que a este apelo a África inteira vai responder. Particularmente a África progressista, a África militante, a África combatente. Estamos a ser agredidos pelo irresponsável, pelo maluco. Queremos o apoio da África.

Nós estamos em condições de avançar, estamos em condições de esmagar Ian Smith. Fazemos da nossa unidade instrumento para esmagar Ian Smith e queremos apelar à Comunidade Internacional

para que apoie o povo de Moçambique, que está sendo agredido pelo irresponsável Ian Smith. Fazemos da nossa unidade instrumento para esmagar Ian Smith. Queremos apelar aos nossos amigos, aos países que já constituem a zona libertada da Humanidade para que apoiem a acção na sua defesa justa.

Por isso apelamos às Forças Populares de Libertação de Moçambique para que se prontifiquem desde já para avançar para o Zimbabwe.

Queremos que hoje seja a última vez que façamos manifestações de repúdio. Nós não somos de «slogans». Conquistámos a nossa independência porque nós consentimos sacrifícios, nós aceitamos sacrifícios. Esta liberdade que nós temos, não nos foi oferecida. Esta liberdade conquistámo-la. Por isso não queremos perder esta independência.

Façamos do sangue dos nossos heróis areia, cimento e água e ferro, fazemos do sangue das vítimas, fertilizante, adubo, suruma nas nossas veias; fazemos do sangue das nossas vítimas a nossa determinação. Fazemos do sangue daqueles que foram vítimas nossa força principal, nossa fonte de inspiração, seja fonte de exemplo, seja para firmeza, uma firmeza inabalável, sobretudo para aqueles que tentam humilhar o povo moçambicano, a hora é favorável, as condições são favoráveis para o avanço da luta no Zimbabwe.

Devemos pôr termo, não somente em Moçambique, mas também no Zimbabwe. Ajudem-nos, aceitemos morrer ao lado do povo do Zimbabwe pela dignidade africana, pela Revolução mundial, pelo respeito, respeito pelo homem como um ser.

Não aceitar que um Ian Smith, o tabaqueiro e irresponsável, um louco, um cão com raiva, mate impunemente o nosso povo e dizemos, seja a última vez a fazermos manifestações deste género. A próxima vez que fizermos manifestações é para alegrar com o povo do Zimbabwe independente.

As Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado do povo, força indestrutível da FRELIMO, símbolo de unidade nacional.

Queremos que cada um de nós assuma a responsabilidade que lhe cabe, que foi confiado pelo povo moçambicano.

Não permitam as Forças Populares de Libertação de Moçambique que a nossa Pátria seja teatro, seja zona de banquete, seja campo de experimentação.

O povo do Vietname do Sul triunfou porque o Vietname do Norte soube ser a base da retaguarda, porque as Forças Armadas foram capazes de assumir o papel de exército popular.

O Povo de Moçambique triunfou porque a Zâmbia soube assumir as suas

responsabilidades. O Povo de Moçambique triunfou porque o povo da Tanzânia soube assumir as suas responsabilidades.

Queremos pôr desde já para as vítimas de Mapai, o Banco de Solidariedade, queremos oferecer 4000 contos para reconstrução da aldeia e que essa aldeia seja, uma aldeia internacionalista. As forças Populares, queremos que venham fazer manifestações para dizer à FRELIMO, para dizer ao Governo da República Popular de Moçambique, para dizer ao seu povo, missão cumprida nesta Praça dos Heróis, missão cumprida à FRELIMO, ao povo, à República Popular de Moçambique. Queremos que convoquem a reunião para dizer missão cumprida.

Moçambique não é lugar para recuo, não há lugar para recuos em Moçambique, esta é a palavra de ordem, quando avançamos — é esta palavra de ordem que nos estimulou sempre.

De novo esta palavra de ordem que deve galvanizar as FPLM.

Queremos que as FPLM morram com honra, queremos que a sua morte tenha peso, não seja a morte daqueles que têm a morte mais leve que a pena da galinha — atropelado nas estradas por bebedeira. Queremos que o nosso combatente saiba entregar aos outros, a arma para poderem prosseguir o combate. Por isso esperamos que as FPLM venham aqui entregar: «Aqui está o Ian Smith».

Nós dissemos, viemos para dois objectivos: Primeiro era discutirmos sobre o banquete de gala, o convite que fazia.

Em segundo lugar, descobrimos o tratamento: descobrimos que ele é maluco, sofre da cabeça, descobrimos que é um cão com raiva. Já encontramos o tratamento. Agora procurem o maluco que anda aqui a incendiar as casas e trazê-lo para o povo de Moçambique, aqui na Praça dos Heróis: «Aqui está o maluco que queimava as casas».

O oferecemos a essa aldeia, já repetimos, aldeia de Mapai, 4000 contos do Banco de Solidariedade, para construção de uma aldeia, que será Aldeia Internacionalista.

Oferecemos ao povo do Zimbabwe, à luta do Zimbabwe, aos combatentes do Zimbabwe, 6000 contos do Banco de Solidariedade também.

Última: avancemos, mas confiantes na vitória e certos de que a Comunidade Internacional está ao nosso lado.

Primeiro a África, em segundo lugar, mesmo aqueles que apoiaram a Rodésia estão ao nosso lado, em terceiro os países socialistas.

Agora só quero voluntários para distribuir armas. Voluntários?: (Todo o Povo presente levantou os punhos cerrados, oferecendo-se como voluntários).